

O LUGAR DO MAMULENGO NA HISTÓRIA DO TEATRO BRASILEIRO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Wesley Fontenele (Prefeitura do Rio de Janeiro)¹

RESUMO

Este trabalho parte dos estudos de Borba Filho (1966), Santos (1979) e Alcure (2001, 2008) sobre o Mamulengo, o Teatro de Bonecos popular do Nordeste. O Mamulengo é um gênero de teatro composto por bonecos vestidos de tecido e esculpidos em madeira chamada mulungu. Neste estudo, apresentarei uma breve inserção do mamulengo na história do teatro brasileiro, abordando: (1) diretores e dramaturgos que em seus projetos artísticos se aproximaram do mamulengo, incorporando personagens e narrativas; (2) e importantes mamulengueiros pernambucanos, como Solon Alves de Mendonça e Januário de Oliveira, o Ginu. Foi possível perceber que artistas como Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna e Fernando Augusto Gonçalves dos Santos por meio de seus processos de valorização das formas teatrais populares alcançaram lugares na história do teatro brasileiro que os próprios mamulengueiros não conseguiram, os quais viveram e trabalharam sob difíceis condições econômicas.

PALAVRAS-CHAVE

Mamulengo; Solon;Ginu;Hermilo Borba Filho; Ariano Suassuna

ABSTRACT

This work is based on studies by Borba Filho (1966), Santos (1979) and Alcure (2001, 2008) about Mamulengo, the popular Northeastern Puppet Theater. Mamulengo is a genre of puppet theater made of cloth and carved from a wood called mulungu. In this study, I will present a brief insertion of the mamulengo in the history of Brazilian theater, commenting: (1) directors and playwrights who in their artistic projects approached the mamulengo, incorporating characters and narratives; (2) and important puppet artists from Pernambuco, such as Solon Alves de Mendonça and Januário de

¹Wesley Fontenele é professor de Teatro da Prefeitura do Rio de Janeiro. É Doutorando e Mestre em Artes pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É Licenciado em Teatro pela UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É sócio da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas e da ANPUH - Associação Nacional de História. E-mail: wesley.fontenele@hotmail.com

Oliveira, known as Ginu. It was possible to notice that artists such as Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna and Fernando Augusto Gonçalves dos Santos, through their processes of valuing popular theatrical forms, obtained places in the history of Brazilian theater that the puppet artists themselves did not obtain, who lived and worked under difficult economic conditions.

KEYWORDS

Mamulengo; Solon; Ginu; Hermilo Borba Filho; Ariano Suassuna

Alcure (2001) afirma que mamulengo é o teatro popular de bonecos praticado no estado de Pernambuco. A região da Zona da Mata Pernambucana é a que possui no estado o maior número de mamulengueiros. Borba Filho (1966a) escreve que uma contextualização histórica desse gênero teatral é de difícil definição. O autor identifica duas razões para tal inexatidão: a documentação quase que inexistente e os escassos registros por parte de historiadores e viajantes. A origem do próprio termo mamulengo é controversa. A explicação mais frequente é de que o nome faz referência à manipulação dos bonecos, ou seja, uma alusão a “mão molenga”. Há em Borba Filho (1966a, 1966b) o levantamento de algumas hipóteses sobre a origem da palavra mamulengo.

O mamulengo é um gênero de teatro composto por bonecos vestidos de tecido e esculpidos, em geral, em uma madeira específica: o mulungu. Os artistas populares que trabalham com o mamulengo costumam se definir como brincantes. “Brincar” e “brincadeira” são categorias próprias do campo da arte e cultura popular.

Os brincantes do mamulengo ficam atrás de cenário que é uma barraca com abertura para entrada dos bonecos, composta por tecidos pintados com personagens e temas do próprio teatro de bonecos pernambucano. No tecido consta quase sempre o nome do grupo e do “mestre” mamulengueiro a quem pertence a barraca, com indicação de quando ele começou a brincar mamulengo, sua cidade de origem e contato (telefone celular) para a contratação de apresentações.

Este trabalho foi apresentado no XI Congresso da ABRACE e surgiu das discussões levantadas no curso “O teatro e os caminhos do tempo. Aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa em História do Teatro” dos professores Tania Brandão e Henrique Gusmão no PPGAC/UNIRIO, em 2019. Apresentarei diretores e dramaturgos que em seus projetos artísticos se aproximaram de manifestações populares como o mamulengo, incorporando personagens e narrativas. Tornaram-se marco deste processo: Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna e Fernando Augusto Gonçalves dos Santos.

Explicitarei que suas peças e movimentos teatrais voltados à valorização de formas populares nordestinas alcançaram lugares e obtiveram espaços que os mamulengueiros não conseguiram.

Como relata Santos (s/d), na primeira metade do século XX, muitas manifestações populares despertaram o interesse de intelectuais que passaram a pesquisá-las e a registrá-las. Ele menciona os estudos de Mário de Andrade e de Luís da Câmara Cascudo: “Era a cultura popular do Nordeste começando a ser vista pelo meio erudito até que, duas décadas depois, chegasse, recriada, aos palcos de teatro” (s/p). O dramaturgo afirma ainda que Hermilo Borba Filho começou Recife sua escrita teatral a partir de temas do Nordeste, período em que o grupo Teatro do Estudante de Pernambuco teria, segundo ele, iniciado a busca por um teatro marcado por temas da região.

Em 1951, Ariano Suassuna escreveu *Torturas de um Coração*, peça em um ato, em versos a partir de temas e personagens do mamulengo. Criado em 1960, o grupo TPN, Teatro Popular do Nordeste, liderado por Hermilo, monta *A Pena e a Lei*, ainda naquele ano. Esta peça é uma retomada ao texto de 1951, acrescentando dois atos e escrevendo-o em prosa. No espetáculo, atores representam como se fossem mamulengos. A montagem foi um sucesso e lotou o Teatro do Parque. Hermilo se voltou à busca de um novo modo de encenação, que partiu justamente da valorização das formas populares como o mamulengo, e também o bumba-meu-boi, o fandango e o pastoril. Estas manifestações deveriam ser vistas pelos seus aspectos cênicos. Assim, o projeto iniciado por Hermilo no TEP, o Teatro do Estudante de Pernambuco, em 1940, e aprofundado no TPN, voltou-se à construção de uma dramaturgia e de uma encenação eruditas que seriam desenvolvidas a partir de espetáculos populares. Segundo Vieira, “uma obra erudita que encerrava ‘a visão épica e coletiva do mundo’. No caso, uma arte erudita de ‘aceitação popular’” (2017, p. 23).

Reis (2018) aborda a dificuldade que o grupo encontrou para incluir um artista de origem popular no elenco. “Tivemos, inclusive, uma experiência com um ator popular mesmo, que foi [em] *O cabo fanfarrão*. Infelizmente ele era muito insubordinado e Hermilo era muito intransigente na nossa pontualidade” (Alves apud Reis, 2018, p. 103). Segundo Leda Alves, após faltar a três ensaios, o ator teve sua participação cancelada. Reis afirma que era difícil encontrar na plateia pessoas pertencentes às “classes econômicas menos privilegiadas” (p. 103), ainda que o grupo tenha buscado formas de efetivamente se aproximar dos trabalhadores e de estudantes.

Alcure (2008) aborda o que chama de “novas formas de adaptação e outros contratos de trabalho” relativos ao mamulengo (p. 109). Em menção à peça *A Pena e a Lei*, ela afirma que há em autores como Ariano Suassuna o desejo de um teatro brasileiro de raízes populares, no qual manifestações como o mamulengo seriam alçadas a fim de ganharem visibilidade dentro dos cânones do teatro (p. 114). Hermilo e, especialmente, Ariano conseguiram com seu projeto artístico um lugar de destaque na história do teatro brasileiro, diferentemente dos mamulengueiros pernambucanos.

Exemplo desse destaque é *A Pena e a Lei* ter sido objeto de análise de Sábato Magaldi que a classificou como “vanguarda incontestável do palco moderno” (1971, p. 20). Tem-se, portanto, uma peça com atores movimentando-se como mamulengos considerada exemplar da ideia de modernidade teatral. Fernando Augusto Gonçalves dos Santos trabalhou com Hermilo no TPN e fundou em 1975 o *Mamulengo Só-Riso*, junto a Nilson de Moura e Luiz Mauricio Carvalheira. Com sede no Centro Histórico de Olinda, o grupo teve desde sua origem a proposta de recriação do universo do mamulengo.

Outro exemplo do que aqui aponto é a inserção desta companhia em importantes festivais nacionais e internacionais. Em 1976, participou do 5º Festival Nacional de Teatro de Bonecos (Recife) e do 2º Festival Internacional de Teatro de Bonecos (Belo Horizonte). No Rio de Janeiro, em 1977, o *Mamulengo Só-Riso* fez temporada no SESC (Serviço Social do Comércio) Tijuca com a peça *Festaça no Reino da Mata Verde*, criação do grupo, que foi também objeto de atenção da crítica teatral. Yan Michalski escreveu no *Jornal do Brasil*: “[...] o conjunto dos 20 e tantos bonecos que desfilam pelo pequeno palquinho resulta profundamente representativo da alma coletiva do povo que criou as tradições das quais estes bonecos são uma cristalização” (1977, s/p).

Em 1978, o *Mamulengo Só-Riso* integrou o projeto *Mambembã* do então Serviço Nacional de Teatro (SNT) do governo federal e se apresentou no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Brasília. Em 1980, o grupo participou em Washington do 13º Festival Internacional de Bonecos, com patrocínio da UNIMA, a Union Internationale de la Marionette, com a peça *Festaça*. O *Mamulengo Só-Riso* se apresentou no 10º Festival Mondial des Théâtres des Marionnettes, em 1994, em Charleville-Mézières, na França. Em 1996, o grupo participou do 12º Festival de la Cultura Caribeña, em Santiago de Cuba. *Folgazões & Foliões, Foliões & Folgazões*, espetáculo com bonecos e atores criado em 2000, foi apresentado no Festival de Inverno de Garanhuns (FIG), no Festival de Teatro de Goiás e no Festival Internacional de Brasília. Em 2003, o grupo

representou o Brasil no Festival Internacional de Montpellier, sul da França, com a peça *ExtraitsPoétiques*, que fez temporada de um mês na cidade. Fernando Augusto foi presidente da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, a ABTB.

O projeto teatral dos grupos TEP e TPN. A criação cênica a partir de espetáculos populares. *A Pena e a Lei*. Muitas das vezes em que apresento minha pesquisa sobre os mamulengueiros pernambucanos, sugerem-me estudar os textos teatrais e as montagens realizadas por Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho e Fernando Augusto. Estes dramaturgos e diretores realizaram um importante trabalho de inserção e valorização do mamulengo em suas iniciativas teatrais. A meu ver, este projeto de um teatro que teve nos espetáculos populares sua inspiração tem lugar registrado na história do teatro brasileiro. Assim, nas pesquisas que desenvolvo, meu interesse é de focar no trabalho dos artistas de origem popular.

A respeito da diferença do (1) lugar ocupado pelos projetos teatrais mencionados e por mamulengueiros na história do teatro brasileiro e (2) das condições econômicas sob as quais estes artistas populares quase sempre viveram, citarei os exemplos de Januário de Oliveira, o Ginu, e de Solon Alves de Mendonça.

Januário de Oliveira [1910-1977], mais conhecido como Ginu e Professor Tiridá, nasceu no Recife em 19 de setembro de 1910. Quase analfabeto, brincou mamulengo durante cinquenta anos. Ginu atuou junto ao TEP e ao TPN. Reis (2018) comenta que o mamulengueiro confeccionou os bonecos da montagem de *Dom Quixote*, que estreou em junho de 1969 (p. 103). Na ficha técnica, no item “voz e movimentos dos bonecos” (p. 219), Ginu aparece como o responsável pela execução dos bonecos, o que leva a crer que a voz ficava a cargo dos atores Lucia Neuenschwander e Luiz Maurício Carvalheira. Mesmo tendo colaborado com a montagem de *A Pena e a Lei*, o nome de Ginu não aparece na ficha técnica da peça de 1960.

Leda Alves foi atriz do TPN, companheira de Hermilo e secretária de cultura do Recife. Em entrevista, ela confirmou que o primeiro contato de Hermilo com artistas populares foi no período do TEP:

[...] como havia um convívio natural de troca de saberes e comentários, criou-se também uma relação de amigos, a casa de Hermilo era muito frequentada pelos atores populares e ele ali foi se envolvendo também afetivamente com todos e criando um laço importantíssimo entre o ator de formação universitária e o ator popular, entre os autores como ele, Ariano e outros, e o ator popular que não tem seu texto [escrito] [...] (Alves, 2019)

A atriz mencionou o convívio com Ginu, o Tiridá, como ela mais se referiu. Busquei saber se outros mamulengueiros teriam contribuído com o trabalho desenvolvido pelo TEP e TPN, mas Ginutinha realmente lugar de destaque nas peças de Hermilo que contavam com bonecos. O ator Carlos Carvalho, ex-integrante do *Mamulengo Só-ri-so*, diz que o boneco entrou em sua vida antes mesmo do ingresso no grupo: através das apresentações de Ginu no Sítio Trindade, durante as festas de São João e Natal (Carvalho in Leidson, 2009, p. 82).

Apesar do destaque, Ginufaleceu, como relata Santos (1979), pobre, sem amparo e reconhecimento em 20 de abril de 1977. Em avançada arteriosclerose, morreu na miséria, quase cego, em sua casa no bairro da Mustardinha, no Recife. “Vítima – como tantos outros artistas populares do Brasil – de um sistema de dominação que exclui os verdadeiros valores e importância da arte popular. [...] dizia-se ‘um explorado, que nunca teve apoio, ou ajuda de nenhuma espécie’” (p. 103). O jornal *Diário de Pernambuco*, em 25 de dezembro de 1977, publicou meses depois do falecimento a notícia *Ginu: um mamulengueiro de valor que morreu sem glória*. O relato é de que mesmo idoso e doente, Ginu ainda fazia sucesso nos bairros pobres e periféricos do Recife. Ele teria pedido à esposa que, ao morrer, todos os seus bonecos fossem queimados, pois ele havia feito uma promessa de cunho religioso. No entanto, Ginu não teve seu pedido atendido. Sua companheira vendeu o acervo de bonecos.



Diário de Pernambuco. Recife, 25 de dezembro de 1977.

As diferentes possibilidades conquistadas pelos diretores e mamulengueiros é perceptível também no que diz respeito ao tema “publicações”. Hermilo Borba Filho publicou seu livro *Fisionomia e Espírito do Mamulengopela* editora da Universidade de

São Paulo em 1966. Nele, abordou o mamulengo, sua gênese, algumas definições e relações com formas de boneco popular de outros países. Além disso, transcreveu passagens e canções de apresentações de mamulengueiros como o próprio Ginu: *As bravatas de professor Tiridá na Usina do Coronel de Javunda* e *As aventuras de uma viúva alucinada*. Já Fernando Augusto, publicou seu livro *Mamulengo: um povo em forma de bonecos* em edição da Funarte, em 1979. Na obra, comentou diferenças do mamulengo no meio rural/urbano, especificidades quanto ao público e informações sobre alguns dos principais mamulengueiros pernambucanos. Assim como Hermilo, transcreveu passagens de apresentações destes artistas populares. E a respeito de mamulengueiros de origem popular, algum já escreveu um livro? Vejamos o exemplo de Solon.

Solon Alves de Mendonça nasceu em 1920². Cresceu na cidade pernambucana de Carpina, onde se relacionou com o mamulengo pela primeira vez aos oito anos idade quando viu o mamulengueiro Chico da Guia. Em 1937, já com 17 anos, criou o mamulengo *Invenção Brasileira* (Santos, 1979, p. 114). Praticamente todos os mamulengueiros são oriundos das classes populares e, em sua maioria, não estudaram para além do ensino fundamental. Solon fez até o 5º ano e é definido por Santos como uma “pessoa esclarecida” (p. 115). Para tal, este leva em conta a experiência de 19 anos de Solon no Rio de Janeiro e as influências urbanas que incorporou em seu mamulengo.

Solon escreveu um livro: *Um brasileiro feliz*. Nele, conta sua experiência com o mamulengo e transcreve passagens do boneco popular que considera importantes para a definição da manifestação. Em 1987, o mamulengueiro foi a Brasília como o representante de Pernambuco na Feira dos Estados, evento de artesanato. Solon completaria 50 anos de mamulengo e em Brasília lhe aguardavam homenagens. Andando pela capital federal, foi atropelado, ficou alguns dias hospitalizado, mas faleceu em 7 de julho³.

Sônia Medeiros publicou no *Suplemento Cultural* de julho de 1987 *Mestre Solon: um brasileiro alegre*, em que lamentou a morte inesperada do artista e fez trocadilho com o título do livro. Segundo a autora, o maior sonho do mamulengueiro era publicá-

² Algumas fontes mencionam esta data, outras 1921.

³ Segundo Cleide Alves, até março de 1988, a viúva de Solon não havia conseguido a pensão do marido por não ser casada no papel, “apesar de ter vivido mais de 40 anos com ele, ajudando na confecção dos bonecos. A pensão foi negada pelos vereadores e pelo prefeito de Carpina, o que revoltou a ABTB, que dá uma pequena ajuda à viúva para sua manutenção, conforme informou Ângela Belfort” (Suplemento de Pernambuco, 1988, p. 5).

lo. Esta tarefa teria ficado nas mãos do poeta Alberto da Cunha Melo, que era diretor de Assuntos Culturais da FUNDARPE, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco. Na edição de agosto de 1996, o *Suplemento de Pernambuco* publicou as primeiras páginas de *Um brasileiro feliz* de Solon, que seguia inédito. “A tentativa de ser publicado tem o mesmo número de anos do Suplemento: uma década. Foi em 1986” (*Suplemento de Pernambuco*, 1996, p. 3).

Segundo o editor Mário Hélio na referida edição do jornal, o poeta Alberto Cunha quando trabalhava com o deputado José Luiz de Melo conseguiu que aprovasse a indicação número 2768 à Secretaria de Cultura e à Fundarpe para que publicassem *Um brasileiro feliz*. Em 1987, Sônia Medeiros escreveu sobre a importância de publicar o livro de Solon, associando o fato a marcar seus 50 anos de trabalho como mamulengueiro. Quase dez anos depois, Mário Hélio escreveu: “Todos choraram a morte do mamulengueiro, ocorrida de modo trágico na capital do país, mas o seu livro continua inédito. Talvez alguém pudesse fazê-lo, ao menos para marcar uma efeméride: no próximo ano, completam-se 60 anos da criação do seu mamulengo [...]” (*Suplemento de Pernambuco*, 1996, p. 3).

Solon, assim como Hermilo e Fernando Augusto, escreveu um livro com suas observações sobre o mamulengo. Hoje, vinte e cinco anos depois, a obra segue inédita. Os livros de Hermilo e Fernando Augusto foram publicados há muitos anos. 2020 foi o ano da comemoração do centenário de mestre Solon⁴. A dificuldade que um mamulengueiro encontrou em vida para publicar livro com reflexões sobre seu ofício mostra como os artistas populares obtiveram um registro diferente na história do teatro brasileiro. Os mamulengueiros – aqui exemplificados por Ginu e Solon – vivem sob difíceis condições econômicas. Com origem na classe trabalhadora, em muitos casos, possuem trabalhos diversos que mantêm em paralelo ao mamulengo. A admiração que temos pelo projeto teatral capitaneado por Hermilo Borba Filho, Fernando Augusto e Ariano Suassuna não deveria nos impedir de perceber os diferentes lugares que esses diretores/dramaturgos e os artistas populares alcançaram nas páginas da história do teatro brasileiro, assim como notar as distintas condições materiais sob as quais viveram.

⁴ Em 2020, organizei junto ao Núcleo de Cultura Popular da UERJ o Seminário Virtual “100 anos de Mestre Solon: um trabalhador da cultura”.

REFERÊNCIAS

- ALCURE, Adriana Schneider. Disputas de legitimação no teatro de mamulengos da zona da mata pernambucana: “popular” e “erudito”, “oralidade” e “escrita”, “cultura e teatro”. In: SIEBER, Cornelia; LOSSO, Eduardo Guerreiro Brito; GRONEMANN, Claudia (org.). *Diferença minoritária na América Latina*. Hildesheim: OlmsVerlag, 2008.
- _____, Adriana Schneider. *Mamulengos dos Mestres Zé Lopes e Zé de Vina: etnografia e estudo de personagens*. Dissertação (Mestrado em Teatro). Centro de Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação, UNIRIO, 2001.
- ALVES, Cleide. *Suplemento Cultural*. Março de 1988.
- ALVES, Leda. *Entrevista concedida a Wesley Fontenele*. Recife, 31 jul. 2019.
- CARVALHO, Carlos. In: FERRAZ, Leidson (org.). *Memórias da cena pernambucana, 04*. Recife: Funcultura, 2009.
- DIÁRIO de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1977.
- BORBA FILHO, Hermilo. *Espetáculos populares do Nordeste*. São Paulo: Editora São Paulo, 1966a.
- _____, Hermilo. *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*. São Paulo: Editora Nacional, 1966b.
- MAMULENGO Só-Riso. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo115508/mamulengo-so-riso>>. Acesso em: 18 de Fev. 2020. Verbete da Enciclopédia.
- MEDEIROS, Sônia. *Suplemento Cultural*. Julho de 1987.
- REIS, Luís. *TPN – Teatro Popular do Nordeste: o palco e o mundo de Hermilo Borba Filho*. Recife: CEPE, 2018.
- SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves. *Mamulengo: um povo em forma de bonecos*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.
- SANTOS, Benjamim. Prefácio. In: FONTENELE, Wesley. *Bumba-meu-boi no palco e na festa: Teatro e Cultura Popular no Piauí*. [S.l.]: [s.d.]. No prelo.
- SUASSUNA, Ariano. *A pena e a lei*. Rio de Janeiro: Agir, 1971.
- VIEIRA, Anco Márcio Tenório. Hermilo Borba Filho: o encenador. *Continente (#199)*. Recife, julho de 2017.